

CRISTIANA BOTAS ALVES DA SILVA

**ESCALA DE IDENTIFICAÇÃO AO GRUPO
ADAPTADA À FRATRIA: ESTUDOS
PSICOMÉTRICOS INICIAIS**

Orientadora: Professora Doutora Ana Nazaré Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
2021

CRISTIANA BOTAS ALVES DA SILVA

**ESCALA DE IDENTIFICAÇÃO AO GRUPO
ADAPTADA À FRATRIA: ESTUDOS
PSICOMÉTRICOS INICIAIS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 26 de julho de 2021, perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 218/2021, mediante a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Prof^a. Doutora Carolina da Motta

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2021

Agradecimentos

Ao chegar ao final desta etapa, devo confessar que foi um caminho longo e penoso.

Quero começar por agradecer à Professora Doutora Ana Priostre, pela sua receptividade desde o início, pela sua disponibilidade e pela sua compreensão ao longo deste caminho.

Quero agradecer à minha amiga Marta Ferreira, que apelidei de “anjo da guarda”, ao longo desta trajetória foi excecional todo o seu apoio, palavra de conforto e ajuda na leitura intensiva desta dissertação e por me ter estendido sempre a mão nos momentos mais complicados deste caminho. Obrigada Martinha. Quero também agradecer á minha amiga Catarina por todo o apoio que me deu ao longo deste percurso. Estou-vos eternamente grata.

Um agradecimento especial à minha família, pelo apoio e paciência que tiveram de ter ao longo deste percurso, obrigada mãe e manas, Patrícia, Rita e Maria, e por fim ao meu companheiro de viagem Vítor.

Índice

Resumo	6
Abstract.....	7
Abreviaturas e Siglas	8
Símbolos	8
Introdução.....	9
Identificação ao grupo.....	11
Fratria	12
O presente estudo.....	13
Método.....	14
Participantes.....	14
Instrumentos.....	15
Procedimento da recolha de dados.....	17
Procedimento de análise de dados	17
Resultados.....	18
Estatística Descritiva.....	18
Validade de construto.....	18
Discussão	21
Referências	25

Índice de tabelas

Tabela 1 - Estatística Descritiva da Versão Portuguesa da EIG	18
Tabela 2 - Resumo dos Resultados da AFE dos itens da EIG (N = 325) e Matriz de Correlação entre os Fatores	19
Tabela 3 - Correlação entre as Variáveis Auto Categorização, Avaliação Grupo, Compromisso, Confiança Didática, Afeto Fraternal e Hostilidade Fraternal (N = 330)	20

Resumo

O presente estudo tem por objetivo a adaptação da Escala de Identificação ao Grupo (EIG), um instrumento que avalia a conexão entre grupos, para o contexto fraternal numa população de jovens adultos emergentes portugueses, apresentando-se os seus estudos psicométricos iniciais. Pretende-se estudar as suas propriedades psicométricas, especificamente a validade de construto (análise fatorial exploratória e validade convergente) e a fiabilidade (consistência interna e correlações médias interitens). Para tal, recorreu-se a uma amostra de 337 adultos emergentes portugueses com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade, que completaram um questionário de dados sociodemográfico, a EIG, o Inventário de Relações na Fratria (IRF) e a Escala de Confiança Diádica (DTS). Os resultados provenientes da análise fatorial exploratória indicaram uma estrutura de 3 fatores, consistente com a indicação teórica dos estudos originais da EIG, verificando-se igualmente níveis bastante satisfatórios de consistência interna e de validade convergente. Portanto, o EIG pode constituir-se como um instrumento de avaliação da conexão dentro das relações fraternais de jovens adultos emergentes portugueses, discutindo-se as implicações destes resultados para a prática.

Palavras-chave: Estudo psicométrico; Conexão entre o grupo; Fratria; Adultos emergentes.

Abstract

The present study aims to adapt the Group Identification Scale (GIS), an instrument that assesses the connection between groups, for the fraternal context in a population of Portuguese young emerging adults, presenting their initial psychometric studies. It is intended to study its psychometric properties, specifically the construct validity (exploratory factor analysis and convergent validity) and reliability (internal consistency and inter-item mean correlations). To this end, we used a sample of 337 emerging Portuguese adults aged between 18 and 30 years old, who completed a sociodemographic data questionnaire, the EIG, the Fratria Relations Inventory (FRI) and the Dyadic Trust Scale (DTS). The results from the exploratory factor analysis indicated a 3-factor structure, consistent with the theoretical model of the original GIS studies, with very satisfactory levels of internal consistency and convergent validity. Therefore, the GIS can be constituted as an instrument for evaluating the connection within fraternal relationships of Portuguese young emerging adults, discussing the implications of these results for practice.

Keywords: psychometric study; connection among the group; Phratry, Emerging adults.

Abreviaturas e Siglas

EIG - Escala de Identificação ao Grupo

IRF - Inventário de Relações na Fratria

DTS - Escala de Confiança Diádica

ISP - Índice de Sintomas Positivos SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

AFE - Análise Fatorial Exploratória

Símbolos

DP - Desvio-Padrão

M - Média

N - Frequência absoluta % - Percentagem (frequência relativa)

r - Coeficiente de Correlação de Pearson

Introdução

O presente estudo tem por objetivo a adaptação para a população portuguesa da Escala de Identificação ao Grupo adaptada à Fratria através da realização de estudos psicométricos. Após uma ampla pesquisa sobre a temática da fratria e adultez, é notório que existem poucos estudos sobre estas áreas, sendo que a literatura foca-se maioritariamente na relação entre mãe e filho(a) e/ou pai e filho(a).

De acordo com Alarcão e Gaspar (2007), o sistema familiar apresenta duas funções principais: (a) a proteção e promoção de autonomia dos diferentes elementos familiares; e (b) a promoção de uma integração social e cultural adequada. A família é crucial para que os indivíduos se desenvolvam adequadamente, sendo importante a autonomização, mas a simultânea manutenção de um sentimento de pertença ao sistema familiar (Alarcão & Gaspar, 2007).

Neste sentido, é durante a adolescência que se intensifica este processo de autonomização e independência do sistema familiar, sendo que Erikson aponta que a função fundamental da adolescência é a construção da identidade (Matos & Costa, 1996). Até esse período, isto é, durante a infância, as figuras de vinculação mais significativas das crianças tendiam a ser os seus progenitores ou cuidadores, contudo, com a entrada na adolescência passam a ser o grupo de pares, procurando “separar-se” dos pais e “ligar-se” aos pares (Soares & Campos, 1988).

É através da construção da sua identidade que o indivíduo evolui de adolescente para um adulto produtivo e maduro, sendo nesta fase que o indivíduo se define enquanto pessoa e que estabelece os seus valores, assim como os caminhos que lhe fazem sentido seguir para a sua vida (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003). Ainda segundo Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, a construção da identidade é a consciência de si mesmo, constituída pelos valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está intimamente comprometido. A formação da identidade decorre por meio de três fatores. Em primeiro lugar, fatores intrapessoais englobam as capacidades inatas do indivíduo e as suas características adquiridas de personalidade; em segundo lugar fatores interpessoais, têm por base a identificação com outras pessoas; e o terceiro fator diz respeito a fatores culturais, onde estão inseridos os valores sociais a que cada indivíduo está exposto, quer seja a nível global como comunitário.

Segundo Dias (2011), a independência do indivíduo é construída e sementada através

de uma perspetiva sistémica e comunicativa. A perspetiva sistémica tem como objetivo compreender a família como um todo. Quando os elementos da família tem o mesmo objetivo e comunicam entre si, vai existir uma relação equilibrada entre o indivíduo e o seu meio familiar. No entanto, quando este não interage e não existe uma comunicação entre os elementos do sistema familiar, os mesmos entram em desequilíbrio. Segundo a mesma autora, este desequilíbrio pode ser provocado pelo próprio ou por outros intervenientes do sistema familiar.

Assim, a existência de um sistema familiar comunicativo revela-se importante no que concerne à independência do indivíduo. É de salientar que a independência financeira surge também como um elemento crucial para os jovens que ainda não se percebem completamente adultos. Como tal, surge também a necessidade de todos nós nos vincularmos a alguma organização de trabalho, não só por laços materiais, como também por fatores inconscientes (Capitão & Heloani, 2007).

As mudanças sociais constituem novos desafios na forma como os jovens vivenciam a transição para a idade adulta, é nesta altura que se desenvolve a nova figura de adulto que se encontra em “transição”, o intitulado adulto emergente (Andrade, 2012). Estas mudanças que ocorrem na idade adulta resultam da necessidade de integração num projeto pessoal onde seja permitida a autonomia social e psicológica do indivíduo, englobando transições no desenvolvimento tanto da sua identidade pessoal como social. Este desenvolvimento tem como objetivo o início de papéis profissionais e familiares que iniciam a transição da juventude para a idade adulta.

Apesar de outrora podermos falar de ser adulto quando o sujeito iniciava a atividade laboral ou a constituição de uma família e, conseqüentemente, saía de casa dos pais, hoje em dia, e tendo em conta a sociedade em que nos encontramos inseridos, este paradigma foi alterado, e os jovens saem cada vez mais tarde de casa dos progenitores devido à instabilidade laboral. Muitas das vezes, este “sair do ninho” ocorre tardiamente, dado que os jovens têm a possibilidade de estudar até mais tarde, realizando assim alguns objetivos pessoais só após adquirirem a formação profissional desejada, começam a pensar posteriormente em constituir família e sair de casa dos pais. A difícil estabilidade profissional leva a que os jovens não pensem em constituir família tão cedo com o esperado.

Segundo, Bauman (2001, cit. Brandão, Saraiva & Matos, 2012) esta instabilidade,

insegurança, incerteza e risco traduzem-se numa desregulação, privatização e flexibilização dos percursos individuais. As modificações sociais, económicas e culturais da atualidade levam igualmente a um aumento da idade no que diz respeito ao início da constituição de uma família e ao que tudo isso implica, nomeadamente casamento e filhos, o que consequentemente conduz a que a colocação em meio laboral seja tardia. O autor refere também a tardia liberalização das relações sexuais e um aumento da coabitação, levando a uma maior instabilidade habitacional (Bauman, 2001, cit. Brandão et al., 2012). A ideia de falta de controlo leva a que os jovens prolonguem a sua condição de jovem cada vez mais, passando assim mais tardiamente para a vida adulta.

Andrade (2016), na sua investigação sobre a construção da identidade, o auto-conceito e autonomia em adultos emergentes, proporciona um melhor entendimento da forma como o estatuto ocupacional de dois grupos de adultos emergentes conduz a diferenças ao nível dos construtos psicológicos de identidade, auto-conceito e autonomia. Podemos concluir que a inserção em mercado de trabalho destaca-se de uma forma relevante na construção da identidade, assim como no questionamento do auto-conceito e autonomia.

Identificação ao grupo

Henri Tajfel deu um grande contributo para a psicologia, através da sua teoria da identidade social. Quando uma pessoa se sente enquadrada num grupo, acaba por desenvolver um sentimento de pertença ao mundo social. Tajfel (1982) propõe que os grupos de pertença, seja familiar, classe social, desporto, entre outros, levam a que o indivíduo sinta um motivo de orgulho e de auto-estima. Os papéis que atribuímos a nós próprios advêm das nossas identidades sociais e coletivas.

Segundo Naujorks e Silva (2016), a identidade faz parte de um processo de produção do reconhecimento sobre si mesmo e sobre os outros, individual e coletivamente. No que concerne ao nível individual, segundo os autores, o sujeito passa por um processo que envolve três dimensões identitárias: a dimensão pessoal, social e coletiva. Podemos ainda considerar que a identidade é um conjunto de processos cognitivos e afetivos, que levam a que o indivíduo individual ou coletivamente, possa atribuir os seus próprios significados, que ao longo do tempo vão elaborando sobre si mesmo, os outros, grupos e a própria sociedade, sendo que estes significados são elaborados a partir de experiências pessoais e de experiências construídas socialmente (Naujorks & Silva, 2016).

Wachelke (2012) indica que a identificação ao grupo é a principal variável de interesse para que possamos compreender os processos intra e intergrupais, bem como a ligação entre cognição e comportamento em psicologia social.

Fratria

Ao refletir sobre a temática da fratria, é notório que existem vários estudos e investigações focadas na análise e compreensão das relações entre pais e filhos [i.e., mãe-filho(a) e/ou pai-filho(a)], sendo que o mesmo não se verifica ao nível das relações entre irmãos, que não têm sido tão aprofundadas na literatura. Contudo, segundo Crawford (2019), a fratria corresponde a um dos subsistemas familiares mais importantes para o desenvolvimento do indivíduo, constituindo-se como uma das conexões mais duradoras ao longo do ciclo de vida. Segundo Salgado (2011), o vínculo fraterno é considerado uma construção psíquica comum aos membros de uma fratria, que lhes permite distinguir-se como subgrupo dentro do grupo familiar.

O início da fratria acontece com o nascimento do segundo filho, é a partir daí que também começam as mudanças a vários níveis, tanto para pais como para os filhos/as mais velhos. Após o nascimento do irmão/a começasse a sentir a competição pela atenção, carinho e afeto por parte dos progenitores. E é nesta fase da “competição” que poderão surgir comportamentos de hostilidade.

O subsistema fraternal é uma organização familiar muito importante e é nesta relação entre pais-filhos que os mesmos têm uma aprendizagem afetivo-cognitiva múltipla, permitindo o reconhecimento de si próprios, bem como dos outros. Da fratria nascem diversas competências fundamentais para o desenvolvimento pessoal, tais como saber competir, negociar, partilhar, manipular, entre outras (Fernandes, 2002).

Apesar disto, Campos (2011) chega à conclusão, através da análise de um elevado número de testemunhos de pais, que a rivalidade também é uma constante no que concerne à relação entre irmãos. Além desta, a competitividade e o ciúme dentro da fratria também são apontadas pelos pais. Este tipo de relação é um fator muito importante na aprendizagem e no treino das relações entre iguais. A presença de um irmão é muito importante para que se dê um processo de separação e posterior estruturação de autonomia por parte dos filhos, bem como por parte dos pais.

As relações dentro da fratria são influenciadas pelas expectativas que a família tem sobre as características, as competências e as capacidades de cada indivíduo. Campos (2011) refere que estas expectativas vão ser determinantes na organização da fratria, das relações de poder, bem como da função de cada um dos elementos e do tipo de comunicação dominante. Os pais desempenham um papel fundamental na qualidade de relação dentro da fratria. Para além dos pais, existem outros fatores não menos importantes, tais como a ordem de nascimento, o género, a diferença de idade entre os irmãos e as características individuais de cada um (Fernandes, 2002). De salientar que as relações de fratria têm um papel fundamental para o desenvolvimento de cada indivíduo (Fernandes, 2002).

Como escreveu Assoun (1998a: 6, cit. em Fernandes, 2002):

«Os irmãos definem-se por terem os mesmos pais, e isso cria um laço, único no seu género. Mas, o que os une intimamente no mesmo parentesco desune-os inexoravelmente – o que indica o drama do ciúme, ordenado à fatalidade da cobiça de *um* mesmo objeto por dois (pelo menos), que os consagra à concorrência».

Tal como mencionado anteriormente, os pais desempenham um papel muito importante na dinâmica familiar, podendo levar a que exista uma competição saudável e equilibrada entre os irmãos, na procura de compensar as suas carências emocionais. Por outro lado, a dinâmica familiar pode criar hostilidade e a sensação de que o outro é um rival. Segundo a literatura, um dos fatores que influenciam a qualidade da relação de irmãos é o tratamento que cada um recebe por parte dos seus pais, quando existe um tratamento igualitário existe harmonia entre os mesmos (Ferreira, 2009).

Rainha (2015) investigou as relações entre afeto e hostilidade parental, bem como a qualidade das relações na fratria, assim como o impacto que tem no ajustamento dos adolescentes e dos seus comportamentos de internalização e externalização. A mesma conclui que o afeto e a hostilidade parentais não estão significativamente associados, apesar de existir uma propensão para uma associação fraca negativa.

O presente estudo

Dado os escassos estudos sobre a fratria como grupo de pertença e o seu interesse ao nível das comunidades científicas, académicas e clínicas, consideramos pertinente elaborar a adaptação e a validação da Escala de Identificação ao Grupo (EIG) adaptada à Fratria para o contexto português e para adultos emergentes. Assim, o presente estudo tem como objetivo: (a) traduzir e adaptar a EIG para a língua portuguesa e (b) analisar as suas propriedades psicométricas através da análise da validade de construto e da fiabilidade (consistência interna e correlações interitens).

Método

Participantes

Na presente investigação foi utilizada uma amostra de 337 participantes, constituída por adultos emergentes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.49$; $DP = 3.80$), sendo que o género feminino se encontrou em maioria (59.9%, $n = 202$), enquanto que o género masculino apresentou um valor de 39,8% ($n = 134$). No que diz respeito à ocupação, na sua maioria os participantes são estudantes com uma percentagem 50.8% ($n = 164$), seguido de trabalhadores com 36.2% ($n = 117$), trabalhadores-estudantes 6.5% ($n = 21$), desempregados/as 4.3% ($n = 14$) e agricultores, ativistas ou empregado/a de limpeza 0.3% ($n = 1$). Quanto à situação relacional, 40.4% ($n = 134$) da amostra está numa relação de namoro, 39.5% ($n = 131$) não está numa relação/não se aplica, 11.1% ($n = 37$) é casado/a, 6% ($n = 26$) da amostra encontra-se numa relação de união de facto/coabitação, 0.6% ($n = 2$) está separado/a e 0.3% ($n = 1$) são viúvos/as. Relativamente à escolaridade dos participantes, a sua maioria frequenta a universidade (48.4%, $n = 163$), 28.2% possuem 10-12 anos de escolaridade ($n = 95$), 19.3% concluíram o ensino superior ($n = 65$), 3.0% detém 7-9 anos de escolaridade ($n = 10$) e 0.9% possuem 5-6 anos de escolaridade ($n = 3$). Em relação à zona de residência, 39.3% ($n = 132$) da amostra reside na Grande Lisboa, 18.2% ($n = 61$) noutra zona, 16.4% nos Açores ($n = 55$), 14.3% na Madeira ($n = 48$), 9.2% na Zona Centro ($n = 31$), 1.5% na Zona Norte ($n = 5$) e 1.2% na Zona do Alentejo ($n = 4$). No que concerne à posição na fratria verificaram-se os seguintes valores: com um irmão 38.3% ($n = 129$), com dois irmãos 23.4% ($n = 79$), com três irmãos 12.8% ($n = 43$), com quatro irmãos 9.2% ($n = 14$), com cinco irmãos 4.2% ($n = 14$), com oito irmãos 3.0% ($n = 10$), com dez irmãos 2.7% ($n = 9$), com nove irmãos 1.8% ($n = 6$), com onze e doze irmãos 0.6% ($n = 4$), e por ultimo com treze e catorze irmãos 0.3% ($n = 2$). Quanto a existência de irmãos adotivos observam-se os seguintes resultados: com nenhum irmão/a 96.4% ($n = 319$), com um irmão/a adotivo/a 1.8% ($n = 6$), com dois irmãos/as adotivos/as 0.9% ($n =$

3), com seis irmãos/as adotivos/as 0.6% ($n = 1$) e com quatro irmãos/as adotivos/as 0.3% ($n = 1$). Realça-se igualmente que 82.5% ($n = 278$) dos participantes não apresenta irmãos/as gémeos/as.

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos

Os participantes responderam a um questionário de dados sociodemográficos que inclui questões relativas a variáveis individuais (e.g., idade, género, nível de escolaridade), familiares e fraternais (e.g., posição na fratria, número de irmãos).

Escala de Identificação ao Grupo (EIG)

A Escala de Adaptação ao Grupo (EIG) foi adaptada para a população portuguesa a partir da escala original de Tarrant (2002). Originalmente, esta escala é constituída por 13 itens que foram adaptados das escalas desenvolvidas por Brown, Condor, Mathews, Wade e Williams (1986), e Hinkle, Taylor, Fox-Cardamone e Crook (1989). Os seus itens são avaliados por intermédio de uma escala tipo *Likert* de 10 pontos, em que 0 corresponde a “Discordo completamente” e em que 10 corresponde a “Concordo completamente”.

A EIG subdivide-se em três dimensões: (a) a “Auto Categorização”, que abrange 6 itens (e.g., “Sinto-me parte deste grupo”) e diz respeito ao quanto o próprio indivíduo se considera como pertencente ao grupo; (b) a “Avaliação Grupo”, que engloba 4 itens (e.g., “Não me sinto livre neste grupo”) e inclui a avaliação e os sentimentos do participante face à pertença ao grupo; e (c) o “Compromisso”, que abrange 3 itens (e.g., “Eu não me identifico com algumas pessoas neste grupo”) e diz respeito ao nível de compromisso para com o grupo. De notar que as pontuações são obtidas por intermédio da média das respostas indicadas a cada um dos itens que constituem cada dimensão, em que pontuações mais elevadas indicam uma alta identificação ao grupo, salientando-se que a pontuação dos itens, 3, 4, 5, 6, 7, 12 e 13 deve ser invertida. No que diz respeito às qualidades psicométricas, esta escala apresentou níveis de consistência interna para a escala em geral adequados no estudo original ($\alpha = .87$), sendo que os valores de *Alpha de Cronbach* para o presente estudo serão apresentados na seção de resultados aquando da análise de consistência interna.

Inventário de Relações na Fratria (IRF)

O Inventário de Relações na Fratria (*Sibling Relationship Inventory*; versão original: Stocker & McHale, 1992) diz respeito a um instrumento de autorrelato constituído por 13 itens que avaliam as relações na fratria através da frequência com que um conjunto de sentimentos e de comportamentos ocorre, numa escala de Likert de cinco pontos (de 1 = nunca a 5 = sempre). O IRF foi desenvolvido para avaliar duas dimensões das relações entre irmãos: (a) o “Afeto Fraternal”, constituída por 8 itens (e.g., “Com que frequência faz coisas boas como ajudar ou fazer favores ao seu irmão/à sua irmã?”) e que avalia o nível de afeto nas relações entre irmãos; e (b) a “Hostilidade Fraternal”, constituída por 5 itens (e.g., “Com que frequência se sente irritado ou zangado com o seu irmão/a sua irmã?”) e que avalia os conflitos e o nível de agressividade/hostilidade nas relações entre irmãos. As pontuações para cada dimensão são obtidas por intermédio da média das respostas aos respetivos itens que as constituem e valores mais elevadas para a dimensão de “Afeto Fraternal” indicam maiores níveis de afeto nas relações fraternas, assim como pontuações mais elevadas ao nível da dimensão “Hostilidade Fraternal” indicam maiores níveis de agressividade/hostilidade entre irmãos.

No estudo de validação original realizado por Stocker e McHale (1992), os autores verificaram que estas dimensões da escala demonstravam níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .74$ para a dimensão de “Hostilidade Fraternal” e $\alpha = .82$ para a dimensão de “Afeto Fraternal”.

Escala de Confiança Diádica (DTS)

A Escala de Confiança Diádica (*Dyadic Trust Scale*, DTS; versão original: Larzelere & Huston, 1980) diz respeito a um instrumento unidimensional de autorrelato constituído por 8 itens que avaliam a crença na benevolência e honestidade dos irmãos/das irmãs (e.g., “O meu irmão/a minha irmã é fiel e justo/a comigo”), numa escala de Likert de 7 pontos (1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente). Embora este instrumento tenha sido criado para relações didáticas de intimidade, por indicação dos autores da versão original é passível de ser adaptado a qualquer relação diádica de intimidade, sendo que neste estudo foi utilizada uma versão adaptada para as relações fraternais. Quanto mais elevada é a pontuação total da escala, maior é o nível de confiança diádica na relação entre os irmãos/as irmãs. No estudo de validação inicial, com uma amostra de 318 participantes, a DTS revelou um nível adequado de consistência interna ($\alpha = .93$) (Larzelere & Huston, 1980).

Procedimento da recolha de dados

A aplicação dos questionários ocorreu após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Fizeram parte da amostra 341 participantes ($N = 341$), tendo sido excluídos da mesma 4 por não reunirem os critérios de inclusão etária, ficando assim uma amostra de 337 indivíduos. A fim de participarem neste estudo os sujeitos tinham de cumprir os seguintes critérios: ter idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade e fazerem parte de uma fratria.

A amostra foi recolhida com longo de cinco meses, entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018. O método de recolha de dados foi individual e os questionários foram entregues aos irmãos para que os mesmos procedessem ao seu preenchimento individualmente, sendo posteriormente colocados num envelope fechado pelos participantes. A amostra foi recolhida através da colaboração de voluntários a quem foi explicado o objetivo do estudo, garantindo a confidencialidade e o anonimato dos dados. Foi igualmente explicado aos participantes que os mesmos podiam desistir a qualquer altura, sendo que após a explicação do estudo foi dado para assinar o consentimento informado.

Procedimento de análise de dados

O tratamento estatístico dos dados foi executado com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 22.0 for Windows*. Inicialmente, realizou-se a estatística descritiva dos itens da versão portuguesa da EIG, através do cálculo da média, desvio-padrão, máximo, mínimo, curtose, erro padrão da curtose, assimetria e erro padrão da assimetria.

De seguida realizou-se o estudo da validade de construto desta nova versão da EIG através da realização de uma Análise Fatorial Exploratória e da determinação da validade convergente. De salientar que para esta Análise Fatorial considerámos para extração dos fatores o método de Componentes Principais, tendo-se realizado uma posterior rotação oblíqua (direct oblimin), por permitir uma boa abordagem geral, maximizando a dispersão dos fatores e simplificando a sua interpretação (Field, 2009). De modo a avaliar a validade convergente das dimensões da EIG foram calculados os coeficientes de correlação de Pearson entre as mesmas, as dimensões de Hostilidade e Afeto Fraternal do IRF e a Escala de Confiança Didática. Por fim, para analisar a fiabilidade da escala, procedemos ao estudo da consistência interna das suas dimensões, calculada através do alfa de *Cronbach* (α) e de correlações interitens.

Resultados

Estatística Descritiva

Em primeiro lugar torna-se pertinente apresentar a estatística descritiva (média, desvio padrão, assimetria, erro padrão da assimetria, curtose, erro padrão da curtose, mínimo e máximo) para cada um dos itens constituintes da versão portuguesa da Escala de Identificação ao Grupo (EIG) (Tabela 1).

Tabela 1

Estatística Descritiva da Versão Portuguesa da EIG

Item	<i>M (DP)</i>	Assimetria (Erro)	Curtose (Erro)	Min.-Max.
1	8.68 (1.929)	-1.61 (.13)	2.42 (.27)	0-10
2	8.67 (1.990)	-1.85 (.13)	3.44 (.27)	0-10
3	5.99 (3.197)	-.34 (.13)	-1.18 (.27)	0-10
4	8.86 (2.202)	-2.50 (.13)	6.14 (.27)	0-10
5	9.05 (2.133)	-2.95 (.13)	8.49 (.27)	0-10
6	9.26 (1.881)	-3.39 (.13)	11.68 (.27)	0-10
7	9.39 (1.700)	-3.64 (.13)	13.83 (.27)	0-10
8	8.42 (2.346)	-1.93 (.13)	3.47 (.27)	0-10
9	8.23 (2.296)	-1.54 (.13)	2.03 (.27)	0-10
10	8.70 (2.036)	-2.00 (.13)	4.18 (.27)	0-10
11	8.25 (2.451)	-1.67 (.13)	2.24 (.27)	0-10
12	8.07 (3.016)	-1.58 (.13)	1.24 (.27)	0-10
13	8.34 (2.731)	-1.74 (.13)	1.95 (.27)	0-10

De notar que, relativamente à assimetria, verifica-se que todos os itens apresentam uma distribuição assimétrica negativa (Marôco, 2018). E, no que fiz respeito ao achatamento, a maioria dos itens apresenta uma distribuição leptocúrtica, à exceção do item 3 que apresenta uma distribuição platicúrtica (Marôco, 2018).

Validade de construto

Análise Fatorial

Tal como supramencionado, com o objetivo de avaliarmos a validade de construto da versão portuguesa da EIG começamos por realizar uma análise fatorial exploratória (AFE), em que obtivemos um valor de Kaiser-Meyer-Olkin considerado muito bom (Hutcheson & Sofroniou, 1999) ($KMO = .88$), indicando que a amostra é adequada para a análise. Por intermédio do teste de esfericidade de Bartlett podemos ainda verificar que as correlações entre

os itens são suficientemente elevadas para permitir a realização de uma Análise Fatorial [$\chi^2_{(78)} = 3059.55, p < .001$].

Visto isto, num primeiro momento foi averiguada a indicação do número de fatores a reter, tendo em conta o critério de *Kaiser*, valor próprio (*eigenvalue*) igual ou superior a 1 (Marôco, 2018), a fim de compreender se esse número seria coincidente com a proposta dos autores da escala original. Os resultados indicaram 3 componentes que explicavam 72.49% da variância total, o que é consistente com a indicação teórica do modelo segundo Tarrant (2002).

Para a análise de dados foi considerado um valor de saturação fatorial dos itens superior a 0.40, sendo que a Tabela 2 apresenta a saturação de cada fator com base nos coeficientes de correlação após a rotação.

Tabela 2

Resumo dos Resultados da AFE dos itens da EIG (N = 325) e Matriz de Correlação entre os Fatores

Item	Fatores		
	I	II	III
1	.85		
2	.85		
3			.73
4		.78	
5		.78	
6		.91	
7		.91	
8	.89		
9	.89		
10	.92		
11	.83		
12			.64
13			.60
Valor Próprio	6.12	2.27	1.03
% de variância explicada	47.07	17.47	7.95
Matriz de correlação			
	I	II	III
Fator I	1	.38	.18
Fator II	.38	1	.32
Fator II	.18	.32	1

Portanto, tal como a versão original, a versão Portuguesa da EIG apresenta 13 itens distribuídos por 3 fatores. Estes fatores que emergiram da AFE correspondem às dimensões definidas por Tarrant (2002), sendo que a sua conceptualização se baseou na definição original. O fator I corresponde à dimensão de “Auto Categorização”, abrangendo 6 itens. O fator II corresponde à dimensão de “Avaliação Grupo” que inclui 4 itens. E, por último, o fator III diz respeito à dimensão “Compromisso” que engloba 3 itens.

Validade Convergente

Posteriormente, continuando a análise da validade de construto da versão portuguesa da IEG, efetuamos igualmente uma análise à sua validade convergente, por intermédio da análise de coeficientes de correlação de Pearson entre as 3 dimensões anteriormente referidas (Auto Categorização, Avaliação Grupo e Compromisso), a subescala de Confiança Didática do QRF e as dimensões de IRF (Afeto e Hostilidade Fraternal) (Tabela 3).

No que diz respeito à dimensão Auto Categorização, a análise dos dados demonstrou a existência de relações significativas e positivas, de intensidade moderada (Cohen, 1988), entre todas as restantes variáveis (i.e., Avaliação Grupo, Compromisso, Confiança Didática, Afeto Fraternal), à exceção da variável Hostilidade Fraternal, com a qual não detém uma correlação significativa. Quanto à Avaliação Grupo, encontra-se positiva e significativamente associada com as variáveis Compromisso e Confiança Didática (de um modo, respetivamente, forte e fraco, de acordo com Cohen, 1988), e negativa e significativamente associada, de um modo fraco (Cohen, 1988), com a variável Hostilidade Fraternal. Por fim, a variável Compromisso apresenta correlações significativas e positivas, de intensidade moderada (Cohen, 1988), com as variáveis Confiança Didática e Afeto Fraternal.

Tabela 3

Correlação entre as Variáveis Auto Categorização, Avaliação Grupo, Compromisso, Confiança Didática, Afeto Fraternal e Hostilidade Fraternal (N = 330)

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1. Auto Categorização	-					
2. Avaliação Grupo	.41**	-				
3. Compromisso	.44**	.55**	-			
4. Confiança Didática	.46**	.28**	.30**	-		

5. Afeto Fraternal	.43**	.09	.16**	.44**	-	
6. Hostilidade Fraternal	-.09	-.14**	-.10	-.37**	-.12*	-

Nota: ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$

Fidelidade: Análise da consistência interna

Os índices de consistência interna, Alfa de Cronbach (α) e homogeneidade (correlação média interitens, $r_{m.i}$), foram calculados para cada uma das 3 dimensões da EIG, tendo sido observados os seguintes valores: (a) $\alpha = .93$ e $r_{m.i} = .71$ para a dimensão Auto Categorização; (b) $\alpha = .88$ e $r_{m.i} = .65$ para a dimensão Avaliação Grupo; e (c) $\alpha = .56$ e $r_{m.i} = .31$ para a dimensão Compromisso.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo a adaptação e a validação da Escala de Identificação ao Grupo (EIG) à Fratria para o contexto português e para adultos emergentes. Especificamente, pretendemos: (a) traduzir e adaptar a EIG para a língua portuguesa e (b) analisar as suas propriedades psicométricas através da análise da validade de construto e da fiabilidade (consistência interna e correlações interitens). Desta forma, o presente trabalho contribuirá para colmatar algumas lacunas encontradas na literatura e para o enriquecimento da literatura na área das relações na fratria na adultez emergente em Portugal.

Originalmente a EIG a é constituída por 13 itens que foram adaptados das escalas desenvolvidas por Brown, Condor, Mathews, Wade e Williams (1986), e Hinkle, Taylor, Fox-Cardamone e Crook (1989). Este instrumento que avalia a conexão entre grupos e, quando adaptado à fratria, permite à avaliação da conexão dentro das relações fraternais. O estudo de validação original identificou as seguintes dimensões: (a) a “Auto Categorização”, que abrange 6 itens e diz respeito ao quanto o próprio indivíduo se considera como pertencente ao grupo; (b) a “Avaliação Grupo”, que engloba 4 itens e inclui a avaliação e os sentimentos do participante face à pertença ao grupo; e (c) o “Compromisso”, que abrange 3 itens e diz respeito ao nível de compromisso para com o grupo. De um modo geral, no presente estudo comprovamos que se mantinha a mesma estrutura para a população portuguesa de jovens adultos emergente, verificando-se níveis bastante satisfatórios de confiabilidade e validade convergente. Apesar de termos verificado, por intermédio da análise de distribuição dos itens, que todos apresentavam uma distribuição assimétrica negativa e maioritariamente leptocúrtica (Marôco, 2018).

Visto isto, da Análise Fatorial Exploratória, com utilização do método de Componentes Principais, resultou uma estrutura idêntica à versão original de Tarrant (2002) com 3 componentes (i.e., “Auto Categorização”, “Avaliação Grupo” e “Compromisso”) que explicavam 72.49% da variância total. Portanto, ao avaliarmos a conexão dentro das relações fraternais no contexto português, para jovens adultos emergentes, verificamos as mesmas dimensões que estão presentes na avaliação de qualquer conexão entre grupos fora do contexto familiar. Classificar as conexões entre irmãos de acordo com estas três dimensões faz sentido dado que o sentimento de pertença ao grupo fraterno está associado ao próprio conhecimento e percepção de pertença (dimensão de auto categorização), que se baseia na avaliação e nos sentimentos do participante no momento de adesão ao grupo (dimensão avaliação grupo) (Cabecinhas, 2004).

O grupo fraterno constitui-se, assim, como um grupo social que influencia a forma como o individuo se vê, perante a sociedade, assim como a consciência de si próprio, que resulta em parte da avaliação que o individuo recebe do seu grupo de pertença (Bonomo et al., 2014). A vivência dá ao individuo as ferramentas essenciais às identificações sociais que é estruturada a partir da sua filiação e do seu reconhecimento de pertença a um determinado grupo social (Bonomo et al., 2014), salientando-se que grande parte desta vivência pode decorrer também no seio do grupo de irmãos. Bonomo e colaboradores (2014) referem ainda que a conexão de cada indivíduo a cada grupo, incluindo ao grupo de irmãos, pode ser avaliada pelo seu nível de compromisso com o mesmo (dimensão compromisso).

Para além disto, observando as correlações de *Pearson* referentes às análises de validade convergente, compreendemos que o nível de confiança didática está correlacionado com todas as dimensões da EIG, o que está de acordo com a literatura que realça que toda a experiência humana está diretamente ligada com a afetividade (António, 2008). O conhecimento está intimamente relacionado pelas memórias processuais enraizadas no corpo bem como na personalidade de cada individuo, realçando-se que estas memórias vão, por sua vez, afetar a experiência relacional do individuo com o mundo (António, 2008).

Os nossos resultados indicam igualmente que o afeto fraternal não se verificou associado à dimensão “Avaliação Grupo”, que se verificou associada, por oposição à hostilidade fraternal. Aliás, a hostilidade fraternal só se encontrou significativamente correlacionada com esta mesma dimensão da EIG. Dado que o afeto e a hostilidade fraternal são componentes contrárias da relação fraterna, pode compreender-se que a única dimensão

associada significativamente à hostilidade, não esteja associada ao afeto, colocando-se à hipótese de que uma “Avaliação Grupo” negativa, relacionada com sentimentos negativos e de agressividade do participante face à pertença ao grupo, despolete facilmente conflitos entre irmãos. De acordo com a literatura, é após o nascimento do irmão/a que se começa a sentir a competição pela atenção, carinho e afeto por parte dos progenitores. E é nesta fase da “competição” que poderão surgir comportamentos de hostilidade e sentimentos mais negativos decorrente da pertença ao grupo fraterno.

Portanto, os resultados obtidos neste investigação vão ao encontro dos obtidos por Carvalho e colaboradores (2018), salientando que é fundamental o trabalho com as famílias ao nível do desenvolvimento das suas aptidões para aperfeiçoar a gestão de conflitos na fratria. No mesmo estudo, está descrito que as famílias equilibradas no seu funcionamento, apresentam táticas para a resolução de conflitos equilibrada, tais como a utilização de negociação. Enquanto que as famílias desequilibradas do ponto de vista do funcionamento familiar, apresentam como forma de resolução de conflito através da agressão, seja física ou psicológica.

Por fim, importa notar que se níveis mais baixos de confiabilidade interna para a dimensão “Compromisso” da EIG na amostra do presente estudo, o que deve ser considerado em estudos futuros na população portuguesa e comprovado com outras amostras mais alargadas. Além disto, podemos identificar outras limitações, que por si só reduzem a validade da nossa investigação, especificamente no diz respeito a amostra, que foi selecionada através de uma amostragem não probabilística (i.e., bola de neve). Portanto, a mesma não é representativa da população e os resultados também apresentam um carácter marcadamente exploratório.

Da mesma forma, torna-se pertinente notar o facto de não ter sido estudada analisada a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste), bem como a sua validade discriminante. No que diz respeito à validade convergente, o facto de a mesma não ter sido avaliada através da correlação entre o EIG e outro instrumento que avalie um construto semelhante por si constitui outra limitação do presente estudo. Logo, em futuros estudos será pertinente replicar a investigação numa amostra representativa, sugerindo-se a recolha de outros dados familiares, nomeadamente relativos à coabitação dos irmãos/irmãs, no sentido de se perceber se esta coabitação interfere na relação fraternal, se tem interferência na auto categorização do indivíduo, bem como na avaliação por parte do grupo de pertença. Caso estas variáveis se

correlacionem positivamente é necessário saber se estas variáveis se correlacionam de forma positiva com o compromisso.

Apesar das limitações supramencionadas, a presente investigação revela-se um contributo para futuros estudos na área da fratria e da adultez emergente em contexto português, permitindo avaliar a conexão entre irmãos, quer em contextos clínicos como de investigação. E constitui-se igualmente como um contributo inicial para o estudo das propriedades psicométricas da versão portuguesa da EIG.

Referências

- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 89-102.
- Andrade, C. (2012). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255–267. Doi: 10.14417/ap.279.
- Andrade, C. (2016). A construção da identidade, autoconceito e autonomia em adultos emergentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 137–146. Doi: 10.1590/2175-3539/2015/0201944.
- António, P. J. (2008). O encontro terapêutico e a centralidade do afeto na clínica com toxicodependentes. *Revista Toxicodependências*, 14(2), 15-24.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301–313. Doi: 10.14417/ap.568.
- Brown, R., Condor, S., Mathews, A., Wade, G., & Williams, J. (1986). Explaining intergroup differentiation in an industrial organization. *Journal of Occupational psychology*, 59(4), 273-286.
- Capitão, C. G., & Heloani, J. R. (2007). A identidade como grupo, o grupo como identidade. *Aletheia*, 26, 50-61.
- Carvalho, J. L. D., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise psicológica*, 36(1), 61-73.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ, Erlbaum.
- Crawford, C. M. F. (2019). A relação entre a qualidade das relações fraternais e as práticas agressivas entre pares [Dissertação de Mestrado da Universidade da Madeira]. https://repositorio.uma.pt/bitstream/10400.13/2984/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado_A%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20Entre%20a%20Qualidade%20das%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Fraternais%20e%20as%20Pr%C3%A1ticas%20Agressivas%20Entre%20Pares.pdf.

- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2(2), 6–7.
- Ferreira, C. C. (2009). *Perceção de conflito na relação de irmãos adultos* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. UP Repositório. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55014/2/29563.pdf>.
- Field, A. (2009). Descobrindo a estatística usando o SPSS [recurso eletrónico]. https://www.amazon.com.br/Descobrindo-Estatística-Usando-SPSS-Field/dp/8536319275/ref=asc_df_8536319275/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379749245905&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=13691987662215139042&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&h.
- Hinkle, S., Taylor, L. A., Fox-Cardamone, D. L., & Crook, K. F. (1989). Intragroup identification and intergroup differentiation: A multicomponent approach. *British Journal of Social Psychology*, 28(4), 305-317.
- Hutcheson, G., & Sofroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist*. London: Sage.
- Larzelere, R. E., & Huston, T. L. (1980). The dyadic trust scale: Toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 42(3), 595-604.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Naujorks, C. J., & Silva, M. K. (2016). Correspondência identitária e engajamento militante. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 16(1), 136. Doi: 10.15448/1984-7289.2016.1.18139.
- Rainha, M. (2015). *Práticas parentais, relações na fratria e o ajustamento do adolescente* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório UL. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23330/1/ulfpie047718_tm.pdf.

- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Soares, I., & Campos, B. P. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9(2), 179-195.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179-195.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual review of psychology*, 33(1), 1-39.
- Tarrant, M. (2002). Adolescent peer groups and social identity. *Social Development*, 11, 110-123. Doi: 10.1111/1467-9507.00189
- Wachelke, J. F. R. (2012). Identificação com o grupo: adaptação e validação de uma medida geral para o contexto brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 187-200.